

“É SÓ LETRA POR LETRA?": A INTERPRETAÇÃO DE DATILOLOGIA EM TAREFAS DE INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA DA LIBRAS PARA O PORTUGUÊS

“Is It Just Letter by Letter?": Rendering Fingerspelling in Simultaneous Interpreting from Libras into Portuguese

DOI: 10.14393/LL63-v42-2026-40

Eduardo Andrade Gomes¹

Guilherme Lourenço²

RESUMO: O presente artigo discute a presença da datilologia em tarefas de interpretação simultânea Libras–português e suas implicações para o desempenho dos intérpretes. Recuperamos contribuições sobre natureza sequencial, coarticulação e velocidade e analisamos dois conjuntos de dados, Gomes (2020) com nomes próprios em conferências, e Viana (2022) com vídeos temáticos contendo datilologia. Os resultados mostram tendência a manter o input ou comprimi-lo sob risco, crescimento de omissões com maior velocidade, pausas sobretudo depois da palavra e prolongamentos no item, enquanto apoio contextual e lexicalização reduzem o custo de processamento. Propomos caminhos para a prática, com gestão do tempo prosódico, preparação lexical e treino dirigido que privilegia recepção por blocos, encaixe morfosintático e uso consciente de disfluências. Concluímos que administrar a datilologia, e não apenas reconhecê-la, é decisivo para preservar fluência e adequação do português em tarefas de interpretação-voz.

PALAVRAS-CHAVE: Datilologia. Interpretação simultânea. Pausas e prolongamentos. Interpretação-voz. Interpretação de Libras.

ABSTRACT: This paper discusses fingerspelling in Libras–Portuguese simultaneous interpreting and its implications for interpreter performance. We review work on sequential production, coarticulation, and rate, and analyze two datasets, Gomes (2020) on proper names in academic conferences and Viana (2022) on themed videos containing fingerspelling. Findings show a tendency to preserve or compress the input under risk, increased omissions as rate rises, pauses after the word and vowel lengthening within the item, while contextual support and lexicalization reduce processing cost. We outline practice-oriented measures that emphasize prosodic time management, lexical preparation, and targeted training focused on chunked reception, morphosyntactic integration, and calibrated use of disfluencies. We conclude that managing fingerspelling—rather than merely recognizing it—is crucial to preserving fluency and adequacy in Portuguese in voice interpreting tasks.

KEYWORDS: Fingerspelling. Simultaneous interpreting. Pauses and prolongations. Voice interpreting. Libras–Portuguese interpreting.

¹ Doutor em Linguística Aplicada. Universidade Federal de Minas Gerais/Universidade Federal de Viçosa. ORCID: 0000-0003-3571-3644. E-mail para contato: edu.gomes06ATgmail.com.

² Doutor em Linguística Teórica e Descritiva. Universidade Federal de Minas Gerais. ORCID: 0000-0002-4272-1282. E-mail para contato: guilhermelourencoATufmg.br.

1 Introdução

A interpretação simultânea entre Libras e português tem sido marcada por desafios que não se restringem apenas às diferenças estruturais entre uma língua de sinais e uma língua oral. Entre esses desafios, a datilologia ocupa um lugar peculiar: não é exatamente um empréstimo, tampouco um recurso marginal, mas uma estratégia que circula entre o léxico das línguas de sinais e o espaço da escrita. Ao mesmo tempo em que pode funcionar como um recurso de ransliteração, também carrega funções discursivas, gramaticais e pragmáticas que a tornam muito mais complexa do que uma “soletração letra por letra”.

Esse ponto se torna ainda mais sensível no contexto da interpretação simultânea da Libras para o português. Nesses momentos, intérpretes se deparam com escolhas que parecem ser simples, mas que revelam camadas de processamento cognitivo, de tomada de decisão e de negociação entre duas modalidades linguísticas. O que fazer quando surge um nome próprio soletrado? Como lidar com siglas ou termos estrangeiros em plena velocidade do discurso? Até que ponto se mantém a literalidade da datilologia, e até que ponto se reformula para atender à fluência do texto em português?

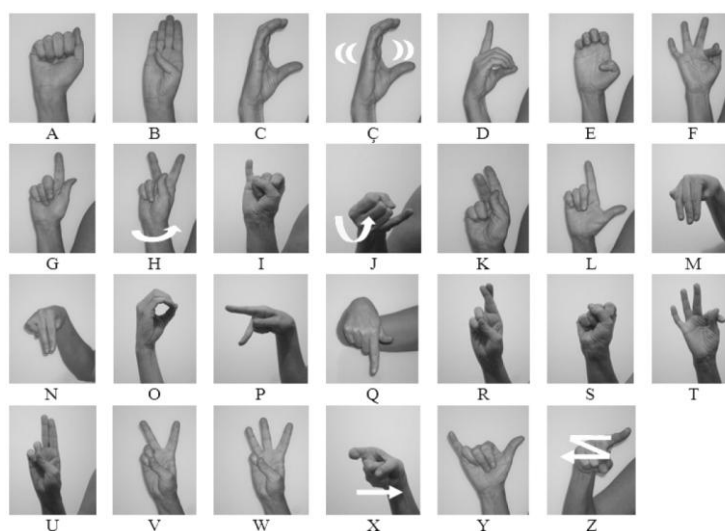
Este artigo parte justamente dessas questões. Nosso objetivo é discutir como a datilologia aparece em tarefas de interpretação simultânea da Libras para o português e quais implicações ela traz para o desempenho dos intérpretes. Para isso, mobilizamos tanto uma revisão de estudos anteriores quanto a análise de dados empíricos de situações reais de interpretação trazidas por esses trabalhos. Mais do que mapear dificuldades, interessa-nos refletir sobre os modos de enfrentamento que intérpretes constroem diante de um fenômeno linguístico que, embora pareça trivial, pode redefinir o ritmo e a qualidade da interpretação e que tem grandes implicações para a tarefa desempenhada pelos intérpretes.

Dessa forma, o presente artigo se organiza em três movimentos principais: primeiro, retomamos brevemente como a literatura tem descrito a datilologia e seus usos em diferentes línguas de sinais; em seguida, analisamos dados de pesquisas que investigaram esse fenômeno na interpretação Libras-português; por fim, discutimos as implicações desses achados para a prática profissional, apontando caminhos e dilemas que ainda permanecem em aberto.

2 A datilologia nas línguas de sinais

Muitas línguas de sinais ao redor do mundo fazem uso de algum tipo de alfabeto manual (Padden e Gunsauls, 2003). Esses alfabetos manuais geralmente exploram características visuais das letras de um sistema de escrita – ou símbolos equivalentes. Em Libras (Língua Brasileira de Sinais), o alfabeto manual é constituído por 27 letras manuais (inclui-se o [Ç]), conforme ilustrado na Figura 1. Essas letras manuais podem ser utilizadas para representar palavras inteiras, quando empregadas sequencialmente. Essa soletração manual também é chamada de datilologia (exemplo fornecido na Figura 2).

Figura 1 – Alfabeto manual da Libras.



Fonte: Xavier e Agrella (2015, p. 146).

Figura 2 – Datilologia da palavra C-O-D-I-G-O.



Fonte: Viana (2022, p. 57).

A datilologia ou soletração manual é, conforme explicitam Miller (2020) e Sehyr *et al.* (2023), um sistema baseado na reprodução manual dos léxicos de uma língua oral-auditiva, por meio, sobretudo, das configurações de mãos. No entanto, também faz parte da produção da

datilologia outros elementos fonológicos como a orientação da palma da mão, a localização e o movimento.

A datilologia, por vezes, é associada apenas ao preenchimento de lacunas em face da inexistência ou do desconhecimento de sinais de pessoas, de localidades, de siglas, de palavras ou termos estrangeiros (Lee e Secora, 2022). Todavia, as autoras reconhecem que, para além de uma mera aparência de transliteração substitutiva, a datilologia também pode ser empregada em conjunto com os sinais e assumirem funções pragmáticas específicas, como ênfase, ou mesmo contrastantes de classes gramaticais em enunciados. Nesse escopo, apesar de não ser um elemento hegemônico na comunicação das línguas de sinais, Williams e Newman (2016) a reportam como algo integrado ao léxico nativo das línguas de sinais, fomentando e intensificando o compartilhamento de associações semânticas com os sinais.

Para além das diferenças entre as configurações de mão, a soletração manual também pode variar quanto a sua frequência de uso de uma língua de sinais para outra. No caso da Língua de Sinais Americana (ASL – *American Sign Language*), por exemplo, Padden e Gunsauls (2003) estimam que a comunicação diária de surdos, por meio da datilologia, varia entre 12 a 35%. Por isso, as autoras, assim como Nicodemus *et al.* (2017), sugerem que, se comparada a outras línguas de sinais, a ASL apresenta uma maior ocorrência de uso de datilologia. Entretanto, Nicodemus *et al.* (2017) e Lee e Secora (2022) salientam que esse apontamento pode estar fortemente atrelado a questões que envolvem variações sociolinguísticas dos sinalizantes (e.g., tipos de textos, idade dos falantes e de aquisição da língua, escolaridade, gênero, localidade). Na Língua de Sinais Australiana (Auslan – *Australian Sign Language*), por exemplo, que utiliza um alfabeto bimanual (i.e., uso das duas mãos de modo simultâneo na representação das letras), de acordo com Schembri e Johnston (2007), essa taxa de soletração gira em torno de 10%. Nessa mesma língua, Napier (2002) verifica que há mais constância de datilologias em contextos formais (e.g., palestras, conferências acadêmicas), se comparados aos informais. Para a autora, essa nuance pode ser atrelada ao fato de que, em eventos dessa natureza, geralmente os oradores tendem a manifestar um discurso mais técnico e hermético.

Ainda sobre o uso da datilologia, ao analisar 2.164 datilologias de 14 surdos sinalizantes de ASL em vídeos com diálogos, Padden e Gunsauls (2003) observaram que, das classes gramaticais, 70% das palavras soletradas correspondiam a nomes, 10,1 % a adjetivos e 6,3% a

verbos. Resultados semelhantes quanto a prevalência de nomes a verbos também foram encontrados na Auslan e na Libras (Schembri e Johnston, 2007; Souza, 2023).

Vale apontar também que a datilologia pode passar por diferentes processos de adaptação fonético-fonológica como, por exemplo, a assimilação e o apagamento de modo que algumas palavras podem se lexicalizar, tornando-se sinais soletrados ou datilológicos (Cordeiro, 2019; Xavier, Souza, 2022). Lee e Secora (2022) salientam que esses sinais datilológicos, por mais que tenham assumido um caráter mais estável, não são inertes e, a depender do contexto, por exemplo, podem ser reduzidos ou articulados mais claramente. Occhino *et al.* (2024) acrescentam que esse processo de lexicalização de alguns desses itens é incitado pela emersão de funções gramaticais diversificadas e, para além da ordem linguística, hospedam nuances comunicativas e sociais. Na Libras, ao analisarem 180 sinais datilológicos (chamados pelos autores de sinais soletrados) catalogados no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue, Xavier e Souza (2022) também encontraram maior recorrência de nomes em detrimento de verbos.

No que diz respeito à expressão da datilologia, Lee e Secora (2022) apontam que, em comparação aos sinais, ela costuma demandar mais tempo, já que cada letra implica uma mudança — ainda que rápida — na configuração das mãos. Trata-se de um movimento contínuo, em que é comum observar simplificações e coarticulações: um segmento se sobrepõe ao outro, alterando a forma canônica inicial. Isso significa que a configuração de uma letra pode influenciar diretamente a seguinte – ou até mesmo a anterior, já que é possível haver coarticulações progressivas ou regressivas. Cordeiro (2019), por exemplo, mostra o caso da datilologia A-M-O-R em Libras. Nela, a configuração de [A] interfere na formação de [M], que acaba sendo realizada com o polegar estendido.

Lee e Secora (2022) também afirmam que, geralmente, em eventos enunciativos fluentes, o sinalizante produz a soletração manual por partes/blocos das palavras e não letra por letra. Ainda, destacam que a modificação de uma configuração de mão para outra ocorre rapidamente, sendo quantificadas em cerca de quatro a cinco letras por segundo, embora haja divergência em vários estudos quanto a essa média. Keane (2014) pondera que essa distinção quanto a duração da execução manual das letras pode estar relacionada a alguns fatores como (i) a posição da letra na palavra soletrada; (ii) o estilo singular de manifestação do sinalizante; (iii) o tipo de soletração; e (iv) o movimento empreendido entre cada uma das letras. No que

tange a localização, Cordeiro (2019) e Lee e Secora (2022) relatam que a datilologia, em diversas línguas de sinais, como a Libras e a ASL, são produzidas no espaço neutro e à frente do ombro do sinalizante.

Frente a esses pontos, Lee e Secora (2022, p. 6) sintetizam que a produção entre a datilologia e os sinais diferem “[...] porque a digitação envolve uma sequência rápida de várias formas de mãos e movimentos de transição entre elas, enquanto os sinais envolvem menos formas de mãos, mas são mais específicos para locais e movimentos entre eles.”

Em relação a compreensão da datilologia, Lee e Secora (2022) ponderam que esse processo pode ser mais desafiador, pois as informações são disponibilizadas ao interlocutor de forma sequencial (i.e., em letras). Não obstante, informações apresentadas de forma simultânea, como os sinais, que possuem os seus elementos fonológicos dispostos em camadas (Wilbur, 2003 apud Lourenço, 2018) possibilitando a significação e fluidez dos discursos, são mais eficientes da perspectiva de processamento visual.

Segundo Lee e Secora (2022), na soletração manual os interlocutores não processam necessariamente letra por letra, mas se orientam pelos movimentos e pelas pequenas transições coarticuladas entre as configurações de mão, que constroem a palavra como um todo. Essa característica explica por que a velocidade de produção pode impactar diretamente a compreensão. Em surdos, por se tratar de representações visuais de informações ortográficas, o processamento da datilologia recruta áreas neurais semelhantes às ativadas pela leitura de palavras escritas em suporte físico ou digital. Ainda assim, como destacam Williams, Darcy e Newman (2015), a limitação auditiva restringe a representação fonológica durante o reconhecimento dessas palavras. Já em ouvintes, o reconhecimento da datilologia envolve não apenas a ortografia, mas também a ativação da consciência fonológica relacionada.

Emmorey, Midgley e Holcomb (2022) acrescentam que o reconhecimento lexical de sinais tende a ser mais rápido do que o de palavras soletradas porque os articuladores manuais são visualmente acessíveis em sua totalidade; em contraste, a datilologia, articulada de modo sequencial, impõe maior esforço e lentidão de processamento. Nesse sentido, estudos como os de Ebling *et al.* (2015) e Leannah, Willis e Quandt (2022) reforçam que a identificação das palavras soletradas não ocorre de forma pausada, letra por letra: o receptor acompanha o sequenciamento, mas se guia sobretudo pelas transições entre letras e pelos movimentos

desencadeados, podendo ainda recorrer ao contexto, ao conhecimento prévio e a estratégias preditivas para compreender o item.

Em síntese, a datilologia nas línguas de sinais revela-se um fenômeno multifacetado: não apenas um recurso de preenchimento lexical, mas um elemento que pode se integrar ao léxico, sofrer processos de adaptação fonológica e assumir funções discursivas específicas. Ao mesmo tempo, sua produção sequencial, sujeita a coarticulações e variações de velocidade, coloca desafios adicionais para o processamento e a compreensão, tanto por surdos quanto por ouvintes. Esse conjunto de características, que tornam a datilologia distinta dos sinais convencionais, ganha uma dimensão ainda mais complexa quando transposto para o contexto da interpretação simultânea da Libras para o português. É justamente nesse espaço de tensão entre a linearidade da soletração manual e as demandas de fluência e naturalidade no texto oral que se situa a discussão que apresentamos a seguir.

3 A datilologia na interpretação simultânea Libras-português

Neste artigo, interessa-nos a interpretação simultânea da Libras para o português.³ Esse processo pode ser denominado de interpretação-voz (Lourenço, 2018a) ou de vocalização (Rodrigues, 2018). Pesquisas nacionais e internacionais têm mostrado que a maioria dos intérpretes de línguas de sinais não se sentem confortáveis para atuar nessa direção, optando pela direção da língua oral para a língua de sinais, como demonstram Nicodemus e Emmorey (2013), Lourenço (2018), Gomes (2020, 2022), Nicodemus, Lang e Haug (2023) e Saavedra-Rodríguez e González-Montesino (2024). Segundo esses estudos, algumas razões são firmadas para essa preferência, sendo uma delas a incompreensão da datilologia no texto de partida.

³ No tocante à direcionalidade do processo, é válido frisar que este trabalho acompanha a reflexão de Whyatt (2019) em referenciar as direções a partir da marcação das línguas e não as delimitarem como direta ou inversa. Essa ressalva é importante, pois, ao tentar instituir uma nomeação (i.e., direta e inversa) para esses processos, indica que somente uma das direções seria a adequada e prestigiada, marginalizando a outra. Tal postura, oriunda dos teóricos do campo da tradução escrita e importada pelos estudiosos e profissionais tradicionais da interpretação, como a Escola de Paris, contradiz, portanto, a importância, a legitimidade e a necessidade de ambas as direções em quaisquer contextos de reformulação linguístico-cultural. Aal-Hajiahmed (2022) pondera que a direcionalidade precisa ser assumida como um aspecto mais complexo que envolve, por exemplo, os modos de interpretação e os pares linguísticos, distanciando-se, portanto, somente de introspecções e observações dos intérpretes.

Quando a datilologia surge em tarefas de interpretação simultânea da Libras para o português, ela não se apresenta apenas como uma sequência de letras a serem “traduzidas”, mas como um ponto de tensão cognitiva. O intérprete precisa lidar com o caráter sequencial da soletração manual — que exige tempo e atenção na decodificação — ao mesmo tempo em que deve manter a fluência e a linearidade do discurso em português.

Dois estudos recentes ajudam a iluminar o modo como a datilologia aparece no trabalho dos intérpretes em situações de interpretação simultânea Libras-português. Gomes (2020) investigou a interpretação de nomes próprios — nacionais e estrangeiros — em conferências acadêmicas, analisando de que forma os intérpretes lidaram com a soletração manual em diferentes contextos. Já Viana (2022), a partir de dados coletados no âmbito de um projeto de extensão universitária, concentrou-se em excertos que continham datilologia em vídeos temáticos, observando não apenas equivalências e omissões, mas também pausas e prolongamentos durante a produção em português. Em conjunto, esses trabalhos oferecem um panorama consistente sobre os desafios que a datilologia impõe, permitindo discutir tanto as estratégias de manutenção e reformulação quanto os sinais de esforço cognitivo mobilizados pelos intérpretes.

3.1 A interpretação de nomes próprios: Gomes (2020)

Gomes (2020) realizou um estudo referente à interpretação simultânea da Libras para o português de nomes próprios de pessoas nacionais/nacionalizados e estrangeiros em duas conferências acadêmicas nacionais da área, a saber, o V e o VI Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa e o I e II Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais, organizados e realizados em 2016 e em 2018 na Universidade Federal de Santa Catarina.

Para analisar os dados, que foram obtidos a partir dos registros em 47 vídeos, o autor empreendeu duas categorizações, sendo uma relacionada ao texto de partida, em Libras, e outra ao texto de chegada, em português. Gomes (2020) ressalva que os intérpretes da pesquisa constituem uma amostra não probabilística, pelo fato de não ter sido o autor quem deliberou a respeito de perfis educacionais, profissionais e ou sociodemográficos, bem como de critérios estatísticos para a seleção da equipe.

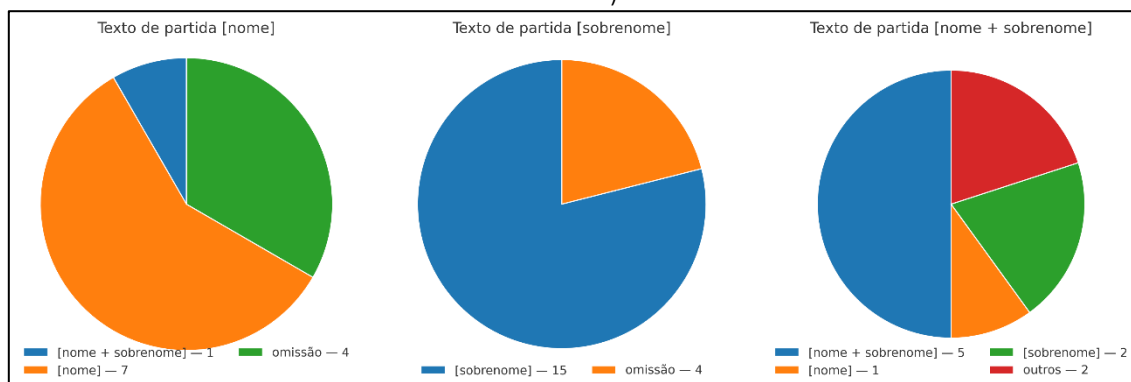
Em muitas línguas de sinais, a identificação nominal das pessoas pode ser efetuada pela datilologia ou pelo sinal-pessoal. Apesar de Barros (2018) imprimir uma relação unívoca entre esse sinal e o nome da pessoa, Börstell (2017) e Gomes (2020) salientam que o sinal-pessoal é um fenômeno cultural e identitário próprio dessas línguas e que se constitui por alguma(s) característica(s) do sujeito. Assim, as identificações em Libras na pesquisa de Gomes (2020) se firmaram nessas duas possibilidades (i.e., datilologia e sinal-pessoal), sejam isoladas, sejam em conjunto. Para a presente discussão, somente os itens da datilologia serão analisados.

Ao analisar as datilologias presentes nos discursos de partida, Gomes identificou três possibilidades, a saber:

- i) a datilologia de apenas o primeiro nome (ex.: J-O-N-A-T-A);
- ii) a datilologia de apenas o sobrenome (ex.: R-O-S-A)
- iii) a datilologia de ambos o nome e o sobrenome (ex.: L-I-L-I-A L-O-B-O)

Antes de passarmos para a análise dos dados, há um ponto importante que precisa ser destacado. Em contextos de conferências acadêmicas no Brasil, há uma convenção discursiva forte de se fazer referência a pessoas por [nome + sobrenome], o que se alinha a expectativas protocolares de citação e ao pacto de inteligibilidade entre pares (VIERA, 2017). Na prática, isso aparece com frequência nas apresentações e menções a autores. Por exemplo, em uma palestra de aproximadamente de 30 minutos no X Congresso Internacional de Linguística (ABRALIN, 2018), 8 de 13 menções ocorreram na forma [Nome + Sobrenome] (Dante Lucchesi; Suzana Cardoso; Max Weber; Edmund Russel; Paul Feyerabend; Gaston Bachelard; Boaventura de Sousa Santos, entre outras). À luz desse quadro, espera-se que intérpretes que atuam na direção Libras-português nesses contextos, atentem-se à essa particularidade do registro esperado, como forma de adequação contextual. Esse ponto é central para a leitura dos dados de Gomes (2020), pois coloca em relevo não apenas a fidelidade ao texto de partida, mas também a adequação comunicativa à cena acadêmica brasileira. Passemos agora à análise dos dados. Os resultados de Gomes (2020) são apresentados a seguir no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Produção em português por tipo de texto de partida em Libras: (a) [nome] (n = 12); (b) [sobrenome] (n = 19); (c) [nome + sobrenome] (n = 10). As fatias indicam a forma de referência produzida em português ([nome], [sobrenome], [nome + sobrenome], omissão, outros).



Fonte: Reelaboração gráfica com base nos dados de Gomes (2020).

Observe que quando o input do texto de partida vem só como [nome], a maioria das saídas mantém exatamente essa forma (7 de 12; 58,3%). A segunda tendência é a omissão (4 de 12; 33,3%), e quase não há ampliação para [nome + sobrenome] (1 de 12; 8,3%). Esse fato parece combinar fidelidade com economia de esforço: reproduzir o que chega por datilologia custa menos do que reconstruir a forma completa. Ao mesmo tempo, sem pista segura para o sobrenome (slide, crachá, legenda, tópico conhecido), o risco de se errar pode ser um fator que barra a expansão. Do ponto de vista da adequação discursiva no contexto de conferências no Brasil, porém, só a produção do primeiro nome tende a ficar subinformativo, já que a expectativa protocolar é [nome + sobrenome]; daí a tensão entre manter a fluência no português e atender ao registro esperado.

Quando o input é [sobrenome], prevalece a manutenção (15 de 19; 78,9%), com omissões bem menores (4 de 19; 21,1%). Aqui fidelidade e adequação caminham juntas: o sobrenome é a forma mais estável de referência acadêmica, especialmente em citações. Em termos de processamento, a decisão é simples — não há o que completar nem reordenar —, o que favorece a literalidade. As omissões residuais podem estar associadas a entraves pontuais do input.

Com [nome + sobrenome] como texto de partida, metade das ocorrências mantém a forma completa (5 de 10; 50%), mas há compressões para [sobrenome] (2 de 10; 20%) e para [nome] (1 de 10; 10%), além de casos classificados como “outros” (2 de 10; 20%) que sugerem

ajustes e retificações em tempo real. A ausência de omissões indica que o input completo dá segurança para produzir alguma saída; as reduções sinalizam um jogo de gestão de tempo e prosódia: dizer o par nome + sobrenome aumenta o material verbal e pode atrapalhar o encaixe sintático, enquanto manter só o sobrenome preserva a referência acadêmica com menor custo.

Em conjunto, os gráficos parecem apontar para um comportamento interessante dos intérpretes: diante de datilologia, intérpretes tendem a minimizar custo cognitivo e proteger a fluência no português, mantendo a literalidade quando possível e omitindo ou comprimindo sob pressão da tarefa. Onde a convenção brasileira exige nome + sobrenome, a expansão só aparece quando há pista confiável ou tempo para inferir; onde o sobrenome já chega como input, fidelidade e norma convergem e a performance se estabiliza.

Em sequência ao recorte de Gomes (2020) — centrado em nomes próprios em contexto de conferência e que expõe o “jogo” entre literalidade, compressão e omissão — vale avançar para um quadro que amplia o foco da tarefa e torna visível o esforço de processamento em tempo real. É exatamente o que faz Viana (2022) ao analisar a interpretação de datilologia em vídeos temáticos e examina não só as saídas (equivalência, omissão, erro), mas também marcadores de custo cognitivo (pausas e prolongamentos) e fatores de input como a velocidade da soletração.

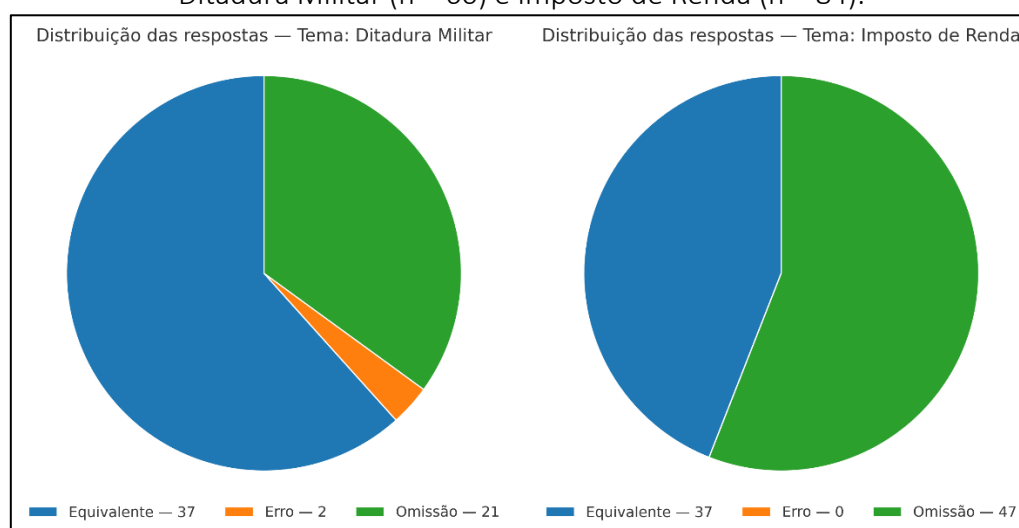
3.2 Datilologia, omissões e disfluências: Viana (2022)

Viana (2022) analisou interpretações simultâneas Libras–português produzidas individualmente por 29 participantes de um curso de extensão universitária, oferecido pela Universidade Federal de Minas Gerais, e voltado para a interpretação-voz Libras-português. Embora o acesso a dados demográficos detalhados tenha sido limitado, o curso era dirigido a intérpretes em atuação em contextos educacionais; assim, todos os participantes já trabalhavam como intérpretes de Libras–português em diferentes níveis de ensino (da educação básica ao ensino superior). Diante da ausência de informações mais finas (tempo de experiência, formação específica, distribuição regional etc.), a autora não estratificou a amostra por subgrupos e tratou o conjunto como profissionais em serviço, reconhecendo as limitações que essa opção impõe para comparações internas e generalização.

Os 29 intérpretes foram distribuídos em duas turmas (15 e 14); cada turma realizou interpretação simultânea de um vídeo temático distinto — “Ditadura Militar” e “Imposto de

Renda” — na primeira e única exposição ao material, com gravação individual das performances. O desenho privilegia a tarefa em tempo real e preserva o efeito da primeira exposição, aproximando a coleta do que acontece em situações de trabalho. O recorte analítico incidiu sobre trechos com datilologia, categorizando as produções em português em equivalência, omissão e erro; na sequência, mapearam-se marcadores de custo cognitivo (pausas preenchidas e não preenchidas, além de prolongamentos) e fatores do input, com destaque para a velocidade da soletração. Esse desenho permite observar não apenas o que é entregue pelos intérpretes, mas como o esforço de processamento se manifesta na fala em português e quando a dinâmica temporal da datilologia pressiona a performance resultando em disfluências. Os resultados de Viana (2022) são apresentados a seguir no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Distribuição das respostas por categoria (Equivalente, Erro e Omissão) nos temas Ditadura Militar (n = 60) e Imposto de Renda (n = 84).



Fonte: Reelaboração gráfica com base nos dados de Viana (2022).

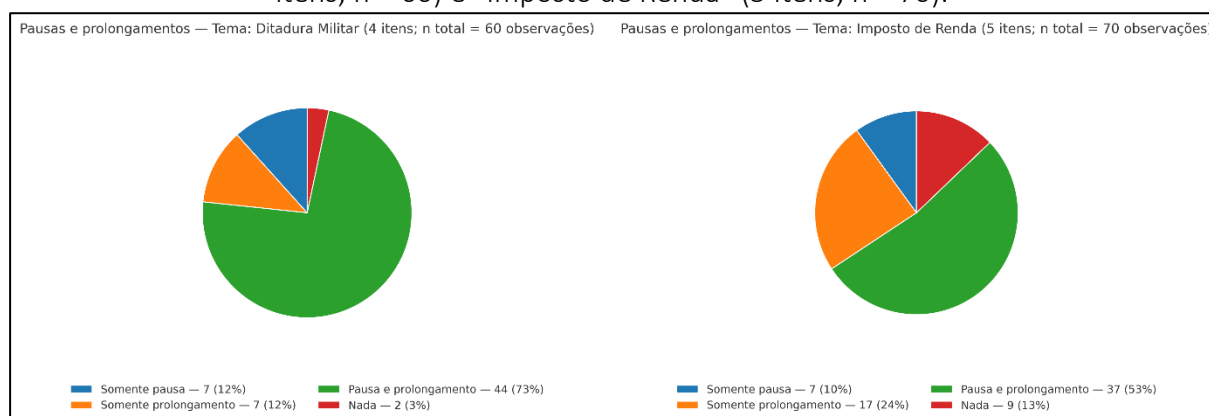
Vale observar que, em ambos os materiais, houve um elevado número de omissões na produção dos intérpretes. Diante disso, Viana (2022), assim como Gomes (2020), reforça que essa é uma tendência de comportamento dos intérpretes profissionais analisados. Em ambos os estudos, por não ter havido um momento posterior de questionamento ou considerações a respeito da tarefa interpretativa, não é possível afirmar a exata motivação das omissões. Contudo, Gile (2009) e Barbosa (2020) indicam que, frente a um elemento linguístico de dificuldade durante a interpretação simultânea, esse mecanismo é acionado, seja por incompreensão total ou parcial, seja por sobrecarga cognitiva.

Ainda, Viana (2022) releva que a taxa de erros foi mínima, sendo detectada apenas no nome próprio "Castelo Branco". Ela cita que esses erros, "Carlos" e "Carlos Branco", possuíam similaridade fonética com o nome correto, sugerindo que os intérpretes podem ter entendido parcialmente a soletração manual.

Viana (2022) destaca ainda que no material intitulado "Imposto de Renda" não houve erros, porém muitas omissões em todas as datilologias de nomes comuns e de um acrônimo. Buscando traçar uma comparação entre esse resultado e os do outro maetria e entender a possível diferença, a autora calculou a velocidade média de manifestação das soletrações. Ela identificou que a datilologia do vídeo "Imposto de Renda" é mais acelerada (média de 220,5ms por caractere) do que a do vídeo "Ditadura Militar" (média de 467,34ms por caractere). Assim, Viana (2022) credita a essa velocidade uma das possibilidades de maior dificuldade e, assim, omissão nesse vídeo. Ademais, esse item (i.e., velocidade de produção) também se insere como um dos gatilhos de problema elencados na literatura (Gile, 2009; Kopar e Stachowiak-Szymczak, 2020).

Para além das saídas (equivalência/omissão/erro), interessa também observar como o esforço aparece na fala dos intérpretes. Por isso, Viana (2022) registra também as ocorrências de pausas e prolongamentos na produção dos intérpretes, apresentados no Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Distribuição de pausas e prolongamentos nas interpretações (Somente pausa; Somente prolongamento; Pausa e prolongamento; Nada) nos temas "Ditadura Militar" (4 itens; n = 60) e "Imposto de Renda" (5 itens; n = 70).



Fonte: Reelaboração gráfica com base nos dados de Viana (2022).

Viana (2022) chama atenção para um ponto crucial: mesmo quando a saída em português é coerente com a datilologia em Libras (ou seja, a produção é equivalente), a performance traz marcadores processuais — pausas e prolongamentos — no *delivery* da mensagem. Esses marcadores não são sem significado. Como argumentam Ahrens (2005) e Gumul (2021), eles denunciam operações de planejamento (busca lexical, encaixe sintático, monitoramento) e, portanto, custo cognitivo durante a formulação. Gumul (2021) ainda lembra que a ausência de disfluências não garante ausência de problema — pode haver esforço “silencioso” não capturado na superfície. À luz dos nossos gráficos agregados, isso aparece com nitidez: no tema Ditadura Militar, predominam ocorrências em que pausa e prolongamento aparecem juntos, sinal de que o intérprete precisa ao mesmo tempo segmentar o fluxo e manter o turno para ganhar tempo de decodificação da datilologia e decidir pela produção em língua portuguesa. Daí a conclusão de Viana (2022, p. 92): “a datilologia implica, seguramente, em um gasto maior de energia mental por parte do intérprete”.

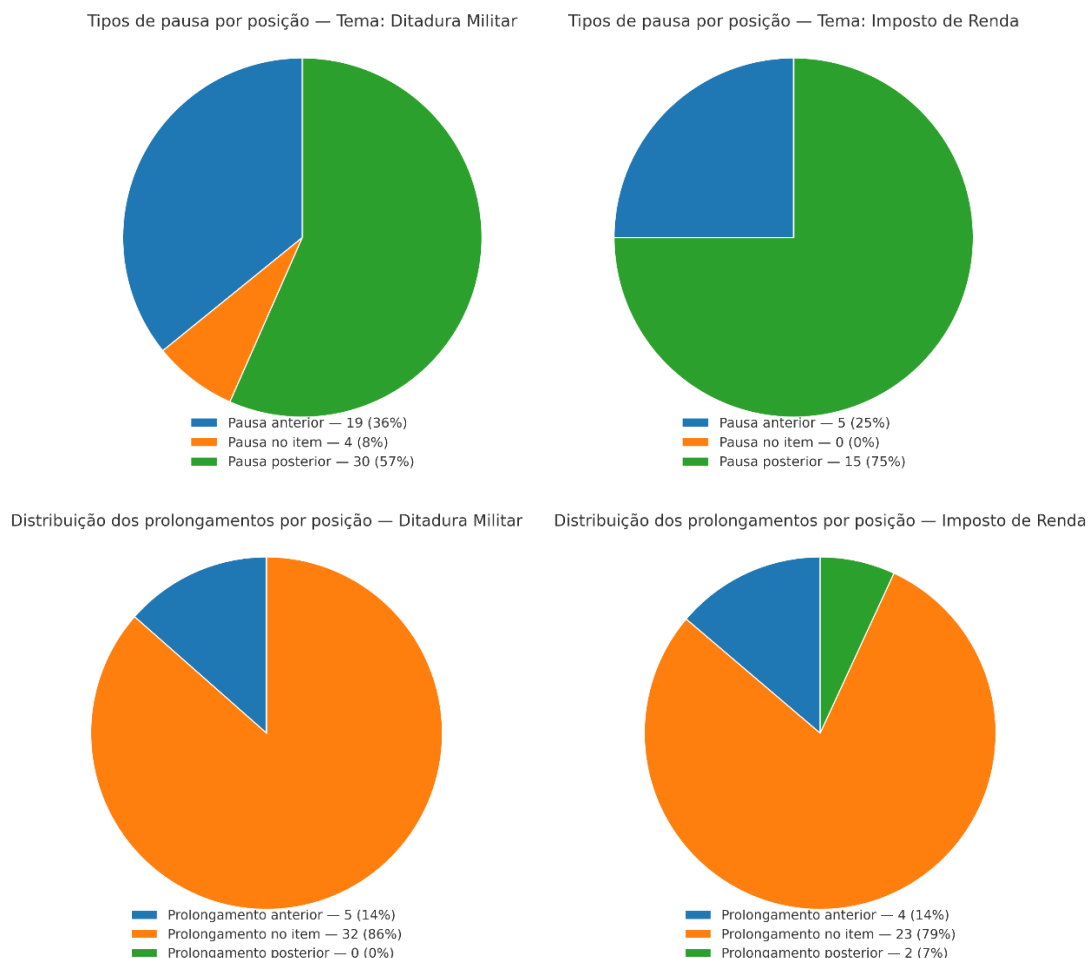
Quando mudamos para o tema Imposto de Renda, o padrão se desloca: cresce o uso de somente prolongamento e aumentam os casos sem marcas. Viana interpreta esse relaxamento como efeito combinado de maior previsibilidade e apoio contextual. Nesse vídeo há a ocorrência da datilologia A-B-R-I-L, em que metade das ocorrências não exhibe pausas/prolongamentos — além de ser um item lexicalizado (sinal datilológico de alta frequência), a data estava legendada no vídeo, o que provavelmente ancorou a compreensão e encurtou o tempo de decisão. Algo parecido ocorre com I-N-S-S: por ser sigla familiar no repertório do público, a produção tende a exigir menos segmentação explícita. Em outras palavras, quando o input oferece pista estável (frequência, familiaridade, suporte visual), a necessidade de pausar cai; quando a datilologia exige reconstrução referencial (nomes próprios compostos, baixa previsibilidade), emergem pausas acrescidas de prolongamentos como estratégia manutenção da tarefa.

Esse foco processual avança em relação a Gomes (2020): embora haja dados ali sobre nomes próprios em datilologia na direção Libras–português, o objetivo do autor não era mapear pausas/prolongamentos. Viana acrescenta exatamente esse nível de análise e, com isso, corrobora concepções já consolidadas nos Estudos da Interpretação com línguas orais e

as estende às línguas de sinais: a linearidade da datilologia eleva a demanda de processamento e se deixa ver na produção prosódica da fala do intérprete.

Além de discutir a presença de pausas e prolongamentos na produção dos intérpretes, Viana (2022) também analisa a posição em que essas pausas e prolongamentos ocorrem. Em ambos os temas, cada ocorrência foi classificada em três momentos: anterior à palavra soletrada, no item (isto é, durante a produção, em português, da palavra resultante da datilologia) e posterior à sua realização. Os dados são apresentados no Gráfico 4 a seguir.

Gráfico 4 – Pausas (curtas+longas) e prolongamentos por posição (anterior, no item, posterior) nos temas Ditadura Militar e Imposto de Renda.



Fonte: Reelaboração gráfica com base nos dados de Viana (2022).

Os gráficos acerca da posição das pausas apresentam um desenho é bastante consistente entre os dois temas. No vídeo da Ditadura Militar, a maior parte das pausas aparece depois da palavra soletrada (30 de 53 ocorrências; ~57%), seguida pelas anteriores (19/53; ~36%); as no item são residuais (4/53; ~7%) e, quando ocorrem, são curtas. No Imposto de Renda, o padrão se repete em escala menor: posteriores (15/20; 75%), anteriores (5/20; 25%) e nenhuma pausa no item. Esse comportamento reforça a leitura de Viana (2022): a datilologia, mesmo quando corretamente reconhecida, parece exigir uma pausa posterior para que o intérprete encaixe morfológica e sintaticamente o item no português em construção. As pausas anteriores podem indicar uma estratégia de preparo quando a entrada promete ser difícil

(antecipação de custo), e as pausas no item praticamente não são usadas — coerente com a tentativa de evitar a quebra do próprio lexema em voz alta.

Nos prolongamentos, o foco desloca-se para dentro da palavra. Em ambos os vídeos, a esmagadora maioria ocorre no item (vídeo 1: 32/37, ~86%; vídeo 2: 23/29, ~79%), com poucas ocorrências anteriores (5 e 4, respectivamente) e quase nenhuma posterior (0 e 2). Essa concentração “dentro” é discutida da seguinte forma por Viana (2022): o prolongamento parece funcionar como um recurso prosódico de manutenção do turno durante a decodificação da datilologia, podendo dar a impressão de uma “leitura em voz alta” do item — na prática, o intérprete vai produzindo a palavra em português enquanto ainda resolve seus últimos segmentos. Os prolongamentos anteriores podem indicar microganhos de tempo para preparar a articulação, e os posteriores são raros, surgindo pontualmente e sugerindo que o intérprete precisa “costurar” a palavra recém-produzida ao enunciado seguinte.

Posto lado a lado, os dois conjuntos de gráficos desenham um quadro processual coerente com a própria natureza sequencial da datilologia. Quando o item é menos previsível (nomes próprios compostos, referências históricas), vemos mais pausas — inclusive longas —, sobretudo depois da palavra, para permitir o encaixe sintático; quando o léxico é mais familiar (INSS, RECEITANET, ABRIL), os intérpretes tendem a evitar silêncios e a “segurar” o turno com prolongamentos no item, o que reduz pausas no interior da palavra e aumenta a fluidez perceptível. Essa leitura também conversa com os resultados de equivalência/omissão: onde a carga sobe e a previsibilidade cai, multiplicam-se pausas+prolongamentos e, em última instância, a omissão; onde há apoio contextual (inclusive legendas, no caso de ABRIL) e alta frequência de uso, os intérpretes resolvem a datilologia em andamento, com alongamentos discretos, sem precisar interromper o fluxo.

4 Considerações finais: implicações para a prática e para a formação

Os dados que percorremos — de Gomes (2020) e de Viana (2022) — apontam para um quadro bastante coeso: o desafio maior não está só em reconhecer a palavra soletrada, mas em integrá-la ao português com fluência e de forma adequada ao discurso que está sendo construído. A linearidade da datilologia, descrita na literatura (Lee e Secora, 2022; Emmorey, Midgley e Holcomb, 2022), pressiona a tomada de decisão em tempo real e se deixa ver na fala

dos intérpretes por meio de pausas e prolongamentos, sobretudo quando o item é pouco previsível ou chega em alta velocidade. É nesse ponto que a discussão processual ganha densidade: nas situações analisadas por Viana (2022), predominam pausas posteriores à palavra e prolongamentos no item, o que dialoga com a hipótese de que o intérprete precisa, primeiro, garantir o reconhecimento e, na sequência, encaixar morfológica e sintaticamente o termo no português; quando a tarefa oferece pistas estáveis (lexicalização, familiaridade, legenda), o custo cai e a fala tende a caminhar sem interrupções. Em paralelo, os resultados de Gomes (2020) mostram que, na cena acadêmica brasileira, a norma de referência privilegia [nome + sobrenome]; porém, sob pressão de tempo e risco, os intérpretes muitas vezes mantêm o que chega (por exemplo, apenas [nome] ou apenas [sobrenome]) ou comprimem estrategicamente, o que ajuda a proteger a fluência, ainda que nem sempre atenda ao protocolo esperado.

Há consequências diretas para a prática profissional. Em contextos de conferência, vale reconhecer que [sobrenome] costuma ser suficiente para referência acadêmica, enquanto [nome + sobrenome] é a forma preferencial em apresentações e menções públicas; assim, expandir para a forma completa só se justifica quando há pista confiável (slide, crachá, legenda, tema conhecido), sob pena de introduzir erro — e, nesse caso, optar por sobrenome é frequentemente mais ético do que arriscar um par incorreto. Os achados de Viana também sugerem um uso intencional de disfluências: pausas anteriores como respiro de preparo diante de entradas difíceis; prolongamentos no item para manter o turno enquanto a decodificação se conclui; pausas posteriores breves como espaço de ajuste sintático. Em velocidades elevadas — um gatilho clássico na literatura do esforço (Gile, 2009) e no debate sobre carga cognitiva (Gumul, 2021; Ahrens, 2005) — pequenas decisões de posicionamento temporal parecem ajudar: retardar minimamente a emissão do termo (atraso controlado), priorizar o sobrenome quando o *chunk* completo não está disponível e aproveitar apoios contextuais quando surgem.

Do ponto de vista da formação, os resultados pedem treino dirigido. É produtivo trabalhar a recepção da datilologia por blocos (e não letra a letra), com escalonamento de velocidade e variedade de perfis (nomes compostos, siglas, meses, estrangeirismos), de modo a treinar o olhar para transições e coarticulações descritas por Lee e Secora (2022). Do lado da formulação, exercícios de encaixe morfossintático sob pressão — inserir a palavra soletrada em

estruturas diversas do português — ajudam a reduzir a necessidade de pausas longas após o item. Também vale explicitar o uso consciente de disfluências: quando prolongar, quando pausar, quanto pausar. Em cursos e estágios, simulações com materiais reais (vídeos naturais de sinalizações monológicas e dialógicas) e rotinas de dupla mais bem coreografadas (quem acompanha slides, como pronunciar nomes, como retomar) aproximam a experiência de trabalho. Finalmente, avaliações formativas que considerem não só “equivalência/erro/omissão”, mas também localização e qualidade das disfluências, bem como decisões de risco, oferecem um feedback mais fino e conectado ao fenômeno.

É claro que há limitações a considerar: as amostras analisadas concentram-se em conferências e vídeos temáticos, sem estratificação por experiência, formação ou especialidade. Ainda assim, o padrão que emerge é robusto: mais custo e mais disfluência combinada quando a datilologia é rápida e pouco previsível; menos custo quando há apoio contextual e itens lexicalizados. Uma agenda imediata de pesquisa poderia explorar o impacto de materiais de apoio e de treinos de velocidade na redução de omissões e na redistribuição das pausas/prolongamentos, além de testar protocolos de atuação em dupla com métricas de desempenho específicas.

Em suma, o que os dados deixam claro é que não basta reconhecer a datilologia — é preciso administrá-la. Isso implica preparar o terreno (glossários, pistas visuais, acordos com o colega/equipe de intérpretes), tomar decisões situadas e parcimoniosas e treinar o que de fato pesa na tarefa de interpretação (recepção em velocidade, encaixe sintático, gestão de disfluências). Quando essas frentes se encontram, caem as omissões, encurtam-se as pausas, os prolongamentos deixam de ser um remendo e passam a operar como recurso de fluência, e a interpretação em português ganha a estabilidade que os diferentes contextos exigem — inclusive o contexto acadêmico investigado por Gomes (2020).

Referências

AHRENS, B. Analysing prosody in simultaneous interpreting: difficulties and possible solutions. *The Interpreter's Newsletter*, Trieste, v. 13, p. 1–14, 2005.

BARBOSA, D. M. Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: Língua Portuguesa - Língua Brasileira de Sinais em contexto de conferência. 2020. 248 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-

Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

BARROS, M. E. Taxonomia antroponímica nas línguas de sinais – a motivação dos sinais nomes. *RE-UNIR*, v. 5, n. 2, p. 40-62, 2018.

BÖRSTELL, C. Types and trends of name signs in the Swedish Sign Language community. *SKY Journal of Linguistics*, v. 30, p. 7-34, 2017.

CARTER-THOMAS, S.; ROWLEY-JOLIVET, E. Analysing the scientific conference presentation (CP): a methodological overview of a multimodal genre. *Groupe d'Étude et de Recherche en Anglais de Spécialité*, p. 59-72, 2003.

CORDEIRO, R. A. A. Sinal datilológico em Libras. 2019. 205 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GILE, D. The Effort Models of interpreting. In: GILE, D. *Basic concepts and models for interpreter and translator training*. Revised edition. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 157-190.

GOMES, E. A. Interpretação simultânea em conferência acadêmica: a reformulação de nomes de pessoas da Libras para o português. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

GUMUL, E. Explicitation and cognitive load in simultaneous interpreting: product- and process-oriented analysis of trainee interpreters' outputs. *Interpreting*, v. 23, n. 1, p. 45-75, 2021.

KOPAR, P.; STACHOWIAK-SZYMCZAK, K. Combined problem triggers in simultaneous interpreting: exploring the effect of delivery rate on processing and rendering numbers. *Perspectives*, v. 28, n. 1, p. 126-143, 2020.

LEE, B.; SECORA, K. Fingerspelling and its role in translanguaging. *Languages (Basel)*, v. 7, n. 4, p. 1-27, 2022.

LOURENÇO, G. Layering de informações visuais e a estrutura morfofonológica dos verbos em Libras. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA E LIBRAS, 2., 2018, Florianópolis. Florianópolis, 2018.

MILLER, M. A case study comparing fingerspelling production between two interpreters with EIPA scores of 3.0 and 4.0. *Theses/Capstones/Creative Projects*, p. 1-21, 2020.

NAPIER, J. University interpreting: linguistic issues for consideration. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 7, n. 4, p. 281-301, 2002.

NICODEMUS, B.; SWABEY, L.; LEESON, L.; NAPIER, J.; PETITTA, G.; TAYLOR, M. M. A cross-linguistic analysis of fingerspelling production by sign language interpreters. *Sign Language Studies*, v. 17, n. 2, p. 143-171, 2017.

OCCHINO, C.; LIDSTER, R.; GEER, L. C.; LISTMAN, J.; HAUSER, P. C. Development of the American Sign Language Fingerspelling and Numbers Comprehension Test (ASL FaN-CT). *Language Testing*, v. 41, n. 1, p. 135-161, 2024.

PADDEN, C. A.; GUNSAULS, D. C. How the alphabet came to be used in a sign language. *Sign Language Studies*, v. 4, n. 1, p. 10-33, 2003.

SCHEMBRI, A.; JOHNSTON, T. Sociolinguistic variation in the use of fingerspelling in Australian Sign Language: a pilot study. *Sign Language Studies*, v. 7, n. 4, p. 319-347, 2007.

SEHYR, Z. S.; MIDGLEY, K. L.; EMMOREY, K.; HOLCOMB, P. J. Asymmetric event-related potential priming effects between English letters and American Sign Language fingerspelling fonts. *Neurobiology of Language*, v. 4, n. 2, p. 361-381, 2023.

SOUZA, C. B. Análise de processos fonológicos na soletração manual em Libras. 2023. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

VIANA, L. M. G. Gatilhos de problema e seus efeitos na interpretação simultânea de Libras para português: um estudo sobre informações numéricas e datilológicas. 2022. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

WILLIAMS, J.; DARCY, I.; NEWMAN, S. Fingerspelling and print processing similarities in deaf and hearing readers. *Journal of Language and Literature*, v. 6, n. 1, p. 56-65, 2015.

WILLIAMS, J. T.; NEWMAN, S. D. Connections between fingerspelling and print: the impact of working memory and temporal dynamics on lexical activation. *Sign Language Studies*, v. 16, n. 2, p. 157-183, 2016.

XAVIER, A. N.; AGRELLA, R. P. Brazilian Sign Language (Libras). In: JEPSEN, J.; DE CLERCK, G.; LUTALO-KIINGI, S.; MCCLEARY, L. (ed.). *Sign languages of the world: a comparative handbook*. Berlin; Boston: De Gruyter Mouton, 2015. p. 129-158.

XAVIER, A. N.; SOUZA, C. B. O alfabeto manual como recurso para a incorporação de elementos do português na formação de sinais em Libras. *Cadernos do Instituto de Letras, Estudos Linguísticos*, n. 65, p. 296-328, 2022.